

OS POVOS DO MAR – EXPANSÕES MICÊNICAS E SUAS ESTRUTURAS ATRAVÉS DE OUTRAS FONTES

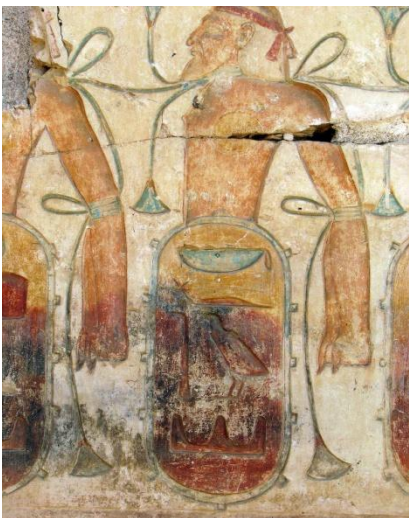
Marcos Davi Duarte da Cunha¹⁷¹

RESUMO

As primeiras aparições dos Povos do Mar ou Estrangeiros do Mar (denominações egípcias para os grupos micênicos) nos domínios do Faraó serão registradas pelo séc. XIV a.C. nas cartas de Amarna. Muitos ali, sob a égide de Ramsés II como os “Sherden” e “Lukkah” aparecem como mercenários e piratas a serviço do Faraó e serviram na batalha de Kadesh contra os hititas.

Os micênicos não deixaram muitos registros próprios de suas civilizações e de suas práticas de comércio e inserção em outras regiões. Ao passo que estes deflagraram uma expansão de seus domínios além-mar no que constituiu a talassocracia micênica no Mediterrâneo Oriental e no Egeu seus contatos com outros povos se fez por muitas vezes de maneira belicosa. Os relatos destes grupos são matérias importantes no entendimento das ocupações na costa hitita passando ao périplo cananeu e chegando também ao Delta do Nilo. Embora tais fontes estejam permeadas de tendências de inferioridade em sua grande parte, o pesquisador há de se ater ante a incauta do cuidado às fontes destes povos com o devido zelo ante os possíveis excessos, vícios de linguagem típicos de opostos não só na Antiguidade, mas, da Humanidade em seu cerne.

¹⁷¹ Historiador e Professor pela Universidade Gama Filho. Pesquisador em História Hebraica e Grega com ênfase em estruturas político-religiosas e militares das ocupações micênicas na Costa Cananéia nos séculos XI e X a.C.



1 Prisioneiro Kaphtorim - Palácio de Ramsés.

As primeiras aparições dos Povos do Mar ou Estrangeiros do Mar (denominações egípcias para os grupos micênicos) nos domínios do Faraó serão registradas pelo séc. XIV a.C. nas cartas de Amarna. Muitos ali, sob a égide de Ramsés II como os “Sherden” e “Lukkah” aparecem como mercenários e piratas a serviço do Faraó e serviram na batalha de Kadesh contra os hititas. Já alguns grupos estabelecidos pelas regiões do vasto império agora sob o comando de Menephtah, cinco denominações aparecem de etnias, porém, desta sorte, aliadas dos líbios, inimigos da fronteira Oeste.

Será, portanto, na regência de Ramsés III que teremos maiores fontes escritas sobre como se sucedeu os contatos entre os egípcios e estes grupos. Com a derrocada rápida hitita, inimigo de longa data do faraó e respeitado militarmente por seus manejos em campo de batalha como em Kadesh, na qual Muwatalis (1306-1282 a.C.) e seus exércitos destroçam as brigadas egípcias quase levando o faraó Ramsés II (1301-1234 a.C.) à morte, os autos desta empresa ecoaram longe¹⁷². Os grupos vindos do Oeste por terra

¹⁷² Egípcios e hititas se envolveram em diversas querelas no decorrer de suas existências como potências rivais. A batalha de Kadesh tem por peculiaridade a narrativa de ambos os lados. Apesar dessa façanha documental, o resultado do embate é narrado por ambos reclamando a vitória para si. Vê-se também nas fontes a diferença literária entre eles. Enquanto a narrativa hitita coloca a Muwatalis como um hábil

rompendo linhas de defesa, fortificações e invadindo cidades como Wilusa e Watussis (ou Hatti para os egípcios), a capital hitita, conseguem algo que certamente para os egípcios era preocupante com a contínua marcha em direção agora de suas terras costeiras cananéias destruindo ou subjugando entrepostos fenícios, o forte da marinha do faraó, tal como as cidades de povos cananeus que se vêm empurrados para as regiões montanhosas ante a famigerada vaga e outras conseguem a muito custo manter posição e às vezes até interagir política e militarmente com mercenários.¹⁷³

Nas paredes do templo mortuário de Ramsés III situado em Medinet Abu estão registradas as campanhas militares contra esses povos, principalmente os que ocuparam a Costa Palestina. Tal é a riqueza de baixos-relevos e pinturas sobre que podemos considerar a difícil campanha de expulsão ao ponto de remetê-la a muitos registros e que resultaram em muitos acordos de vassalagem ao faraó impossibilitado de defender suas possessões além do Sinai.

estrategista que usufrui de informes e espias etc. com a ajuda de suas divindades, os egípcios colocam o faraó em posição de um ser divino onde “sozinho” consegue romper o cerco dos hititas. Porém, um casamento do faraó com uma princesa hitita pode ser relativo ao risco que se corria com o aumento do poder de influência de grupos micênicos nas terras hititas. Uma inscrição em Medinet Abu assim descreve o que seria a invasão de mísios e frígios: “... e nenhuma terra manteve-se diante deles desde Hatti para baixo”. Cf. CERAM *O segredo dos hititas* cap. IX.

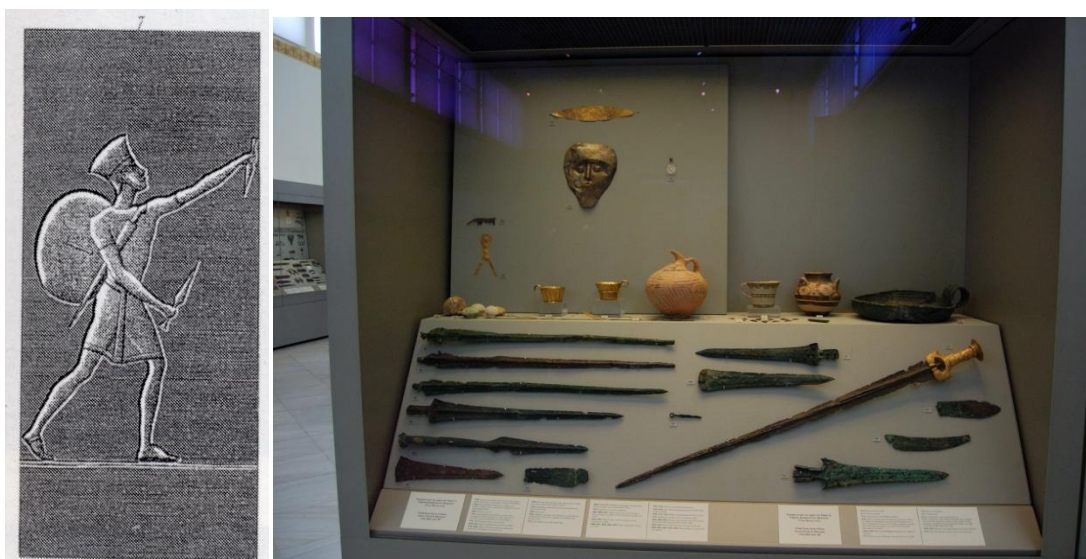
¹⁷³ Como talvez tenha sido o caso de Sísera, general dos exércitos cananeus. Bright, J. – *A História de Israel - A constituição e a religião de Israel primitivo* pág. 223.



2 Tablete com o relato de Ramsés III repelindo violentamente os Povos do Mar.

Uma estratégia de combate que certamente foi aplicada era a de “formações de falanges”, tropas a pé em fileiras bem escamoteadas e perfiladas em posições que exigem disciplina e coordenação do grupo. Esta formação podia se mover e mudar seu contorno de acordo com a manobra inimiga. Se fosse um ataque de tropas a pé a formação se fechava numa muralha de escudos e fustigando os adversários com suas lanças. Se caso o ataque viesse na forma de carros de combate a falange se posicionava em forma de escaramuças em deltas (ou diamante) permitindo assim que as montarias adentrassem por entre os pelotões sendo atacados pelos lados em combate aproximado, algo mortal para os carros que eram eficientes numa batalha campal em formação de carga. Aos raros que conseguissem atravessar as impetuosas lanças nos vazios daquele ardil eram alvejados pelas setas em sua retaguarda ou atacados por batedores de flanco armados com suas espadas de aço longas contra as egípcias em curva e de bronze, algo jamais visto nos conflitos até o momento. Essa nova estratégia de combate certamente assombrou as grandes potências de então que creditavam suas vitórias principalmente pelas cargas de suas cavalarias atreladas. Um outro detalhe seria o terror psicológico promovido pela diferença de estatura entre combatentes. Ao passo que um guerreiro egípcio tivesse em

média 1,80 e as vezes atingindo 2,00 metros, o soldado egípcio comum podia atingir a estatura de 1,60. Num embate isso contava muito (cf. Primeiro Livro de Samuel cap. XVII a narrativa de Golias, descrito como um gigante ante um pequeno Davi num duelo de campeões de reis filisteu e israelita).



3 Representação egípcia de um guerreiro filisteu. Nota-se a proeminente espada de ferro sob o braço direito, suas adagas e seu escudo em comparação às encontrada em escavações no museu de arqueologia de Atenas.

Livros hebreus relatam a siderurgia das ferramentas de campo dos hebreus pelos ferreiros filisteus e de seus onerosos serviços de manutenção de fios e forjas. Praticam o monopólio das fundições obrigando a outros buscarem seus serviços. É possível que as lâminas de arado confeccionadas em ferro fossem bem mais caras e só as tribos mais ricas se utilizavam desta peça¹⁷⁴. Há também a proibição de venda ou fabricação de armas de tecnologia em ferro como suas temíveis espadas aos hebreus¹⁷⁵. A confecção de

¹⁷⁴ Para se amolar ou reparar uma ponta de enxada pelos ferreiros filisteus era cobrado cerca de um “PIM”, o equivalente a dois terços de um ciclo de prata. (Primeiro Livro de Samuel, cap. XIII, versos 19-22).

¹⁷⁵ “Em toda a terra de Israel não se achava ferreiro, pois assim disseram os filisteus: Para que os hebreus não façam nem espada ou lança” (idem, verso 19). O domínio da técnica de têmpera de metais como o ferro

machados também é de cultura mediterrânea como achados nos demonstram em Tell-Qasile.

Certamente Canaã, foi palco da maioria das migrações em face de peculiaridades como a de ser uma região que também comportava a produção de púrpura em toda a sua costa, algo muito desejado no mercado daquela atualidade.¹⁷⁶

Sobre a capacidade de negociação dos filisteus (como são chamados os micênicos pelos hebreus), Sabemos que mesmo sendo altamente belicosos também não se eximiam das práticas de comércio com os outros grupos ali existentes. É por deveras variante em relação ao outro negociador, ou seja, as narrativas mostram situações que os grupos mediterrâneos negociavam em status diferentes com as tribos hebraicas impedindo também de que essas se elevassem ao status de reino rechaçando até uma primeira

que consiste numa seqüência de calor e resfriamento direto proporcionaria a confecção de espadas mais resistentes, longas e com melhor flexibilidade ao passo que praticamente toda a Palestina ainda se achava na primeira fase da Idade do Bronze. Vemos isso no relato impressionante do armamento do exército israelita sob o comando de Saul na batalha de Gilboa em que o texto nos informa de que eram equipados “apenas com duas espadas” (idem, verso 22). Certamente tal relato se referia às novas concepções de armamento adquiridas pela nova tecnologia monopolizada pelos reinos filisteus, tendo em vista que os israelitas já possuíam armas de bronze que, por conseqüência deste material ser muito maleável, suas espadas eram bem menores, menos resistentes e necessitavam de manutenção à lâmina mais dos que as de aço temperado, usadas pelos exércitos filisteus, isso em matéria de logística é por deveras complicado tendo em vista a dependência de uma retaguarda com forjas de campanha contra tropas mais manobráveis no teatro de guerra .

¹⁷⁶ A púrpura era extraída de um molusco denominado múrice (*Murex-Muricis*, família dos muricídios) que tinha por habitat a região costeira oriental do Mediterrâneo. Consistia em um pigmento obtido através da secreção de uma glândula localizada nas imediações do estômago do molusco. Outras versões do processo de obtenção da púrpura nos falam de exposição do casco deste molusco à luz solar alterando sua coloração ficando com a tonalidade tão desejada pelos tintureiros. Após a devida quara, seu casco vai para a moenda e o pó adquirido seria utilizado para a tintura. A região costeira de Canaã era rica de tal molusco. Escavações nos sítios de Tiro e Sidon revelam enormes espécies de sambaquis dos restos destes, deduzindo de uma produção de grande porte sistemático de extração da púrpura. Segundo Speiser o significado etimológico de Canaã seria “Terra de púrpura” no hebraico k’na’an-כנען, como também o termo “Fenícia” seria proveniente do grego *phoiniks-φοινίξ* que significa púrpura. A Fenícia era um forte centro de produção têxtil do mundo antigo e possuía naquele momento a hegemonia deste mercado como de outros de cunho marítimo. Albright e Maisler ratificam tal hipótese interpretando o termo como “mercador de púrpura”. No entanto, uma outra visão observada por Millard em concordância a Landsberger, afirma uma impossibilidade da etimologia do termo estar ligada com a púrpura. Porém, tal observação não apresenta uma consistência que a torne defensável.

manifestação dos líderes tribais em Siló com uso de violência e por fim a captura da arca da aliança dos hebreus, símbolo máximo de sua religiosidade, porém, aos ânimos assentados eles a devolvem, num claro fator da necessidade de diálogo com as tribos que certamente abasteciam seus palácios com insumos locais. Encontrou-se também um grande número de bilhas de cerveja de estilo mesopotâmico demonstrando sua capacidade de absorver práticas de outras culturas e que os filisteus degustavam bastante desta bebida, Sansão em sua história às vezes festejava entre os mesmos nestes banquetes e será numa dessas festas que encontrará seu fatídico fim.¹⁷⁷ Também adotavam à sua culinária a carne de porco, abominada pelos hebreus. Isso pode ter sido um dos fatores que puseram os filisteus na classe de “incivilizados” pelos hebreus. Até o termo Philishtim e Kaphtorim¹⁷⁸ também são sinônimos de “gentalha da pior espécie” em hebraico. Outra coisa que contribuirá com essa amarga visão era seus cultos politeístas e principalmente os de divindades como Baal e Ishtar absorvidos dos cultos cananeus contra a ainda frágil linha recém-chegada monoteísta de Yahweh. São estes relatos, junto aos clássicos de *Iliada* e *Odisséia* de Homero que narram às epopéias referentes ao cerco e conquista de dóricos ou micênicos do reino de Príamo enfraquecendo o folde ocidental hitita, aliados aos estudos de campo arqueológico de sítios como Megido em seu período de dominação egípcia momentos antes da invasão, Tell-Qasile como cidade metalúrgica de cultura egeu-cipriota, Bet-Shames dentre outras da ocupação filistéia contempladas atualmente pelas pesquisas dos arqueólogos Dr. Amihai Mazar e Israel Finkelstein que particularmente se precisa como apoio para contemplar um estudo sobre a ocupação de Canaã no período próximo descrito na Bíblia Hebraica de “Conquista da Terra Prometida” pelos hebreus nos séculos XI e X a.C. Destarte, para se entender das práticas de inter-estatalidade micênicas presentes nas regiões ocupadas suas preferências e preterências

¹⁷⁷ Livro dos Juízes.

¹⁷⁸ Alguns pesquisadores consideram esta segunda alcunha relacionada aos cretenses tanto na Bíblia Hebraica como nas narrativas egípcias.

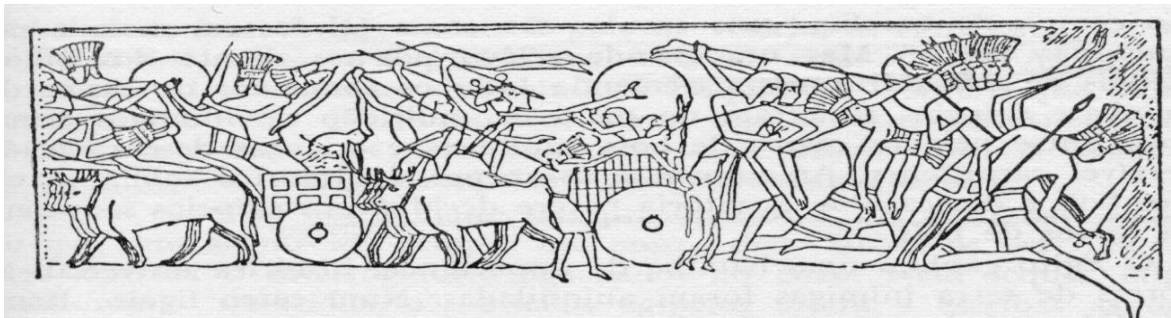
diplomáticas em variegada gama de ações de governo com os outros povos, deve-se pervagar não só pela idéia ou conceito apresentado em sua teoria, mas, entender das práticas palpáveis de imposição de domínio. O que instiga ao indivíduo o anelo de conquista. Como seus deuses participam de sua empresa e distanciar da ênfase atenocêntrica para receptor a amplitude cultural dos outros grupos proto-gregos.¹⁷⁹

Enfim, a expansão micênica em seu bojo considera principalmente as premissas de fatores geográficos viscerais para uma expansão no Egeu que se inicia com a conquista aos minóicos em Creta junto com o desfecho de Wilussa (Tróia ou Illion para os gregos) ocasionando o que chamaríamos de cabeças-de-pontes para a expansão. O cerco de Tróia demonstra uma atividade marítima muito bem estruturada na narrativa homérica tendo em vista o fator logístico complexo exigindo rotas bem estabelecidas para o abastecimento e manutenção das tropas expedicionárias de Agamenon. Isso resulta também de um avanço de engenharia naval com aprimoramentos que resultaram num trirreme mais versátil e veloz. Por serem dados à marinharia possuíram como os fenícios a capacidade de absorver aspectos variegados de outras culturas e até mesmo de outros cultos como os de Asherah e outros. Isso se vê também na porta dos leões onde pesquisadores atentam ao desenho ter influência oriental como em vários de seus artefatos e utensílios.

O fato de uma religião amplamente voltada à agricultura denota que a ocupação de terras fora é de cunho de assentamento o que concorda com relatos egípcios sobre estes povos¹⁸⁰

¹⁷⁹ LOW, Polly – 196.

¹⁸⁰ Cf. LÓPEZ, José García - *La religion Griega – los dioses micénicos*.



4 Cena de batalha de Ramsés contra os Povos do Mar. Existem muitas representações em templos e palácios egípcios sobre as lutas contra tais invasores. Certamente suas refregas foram muito violentas. Numa dessas representações vemos que os filisteus eram dotados de maior estatura do que os egípcios. Podem-se ver também os carros puxados por bois, alguns com integrantes representados por uma estatura menor que a dos guerreiros.

Possivelmente, seja a presença de crianças e mulheres.

Suas formas diferenciadas de comércio com outros povos (egípcios, cananeus etc.) e suas estruturas comumente voltadas ao mar com ocupações costeiras no périplo cananeu demonstra uma talassocracia concorrente à fenícia, o que gerara a competição entre essas duas potências marítimas em busca de entrepostos para comercialização e assentamento de grupos sedentários.

Possuíram uma estratégia militar eficaz e disciplinada em detrimento aos outros povos devido à tecnologia inovadora do ferro como artefato bélico e suas práticas de fundições exclusivas o que sem dúvida proporcionou uma potencialização militar sem rivalidade equivalente, mas, dependente de logística costeira viciosa o que dificultava um acesso ao interior, sendo por fim uma das possíveis causas de seu desaparecimento do contexto cananeu como instituição política.

BIBLIOGRAFIA:

FIGURAS:

ATENAS, Museu Arqueológico. *Arte micênica – Objetos procedentes do círculo B de Micenas* – Século XVII a.C. III2009-05-26 foto: Vicguinda, Atenas.

BASOR, nº128, fig. 04, *new haven, Connecticut*.

Description de l’Égypte, ou Recueil des observations et des recherches, vol.2, pl.8, fig.07,
Thébes, Medynet-Abou. Paris 1809.

LIVROS:

ALLEN, Edith A. *Compêndio de Arqueologia do Velho Testamento* – Rio de Janeiro - ITC-
1957.

BALCER, Jack M. e STOCKHAUSEN, John M. - *Myceneanm Society and its Collapse* –
custom.cengage.com/static_content/OLC/.../etep_ch03.pdf.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia - Stuttgart - Deutsche Bibelgesellschaft - 1969.

BRIGTH, John – *História de Israel* – São Paulo - Ed. Paulus - 2003.

CERAM, C. W. - *Götter, gräber und gelehrte*–Verlag - 1955.

CERAM, C. W. *O segredo dos hititas* – Belo Horizonte – Ed. Itatiaia – 1973.

CHADWICK, John; L. Godart et.al. – *Corpus of Mycenaean incriptions from Knossos, vol. IV*
– New York – Cambridge University Press – 1998.

CHADWICK, John – *Documents in Mycenaean Greek - three hundred selected tablets from
Knossos, Pylos, and Mycenae with commentary and vocabulary* – Cambridge – 1958.

CHADWICK, John – *El Mundo Micénico* – Madrid – Ed. Alianza – 1987.

DE VAUX, Roland. *As instituições de Israel no Antigo Testamento* – São Paulo – Ed.
Teológica – 2002.

FINKELSTEIN, Israel e Amihai Mazar – *The Quest for the Historical Israel* – Atlanta – Society
of Biblical Literature – 2007.

FINKELSTEIN, Israel e Neil A. S. – *The Bible Unearthed: Archeology’s. New vision of Ancient
Israel and the Origin of Its Sacred Texts* – New York - Simon & Schuster, Inc. – 2001.

FARIA, Jacir de Freitas (org.), AUTH, Romi, Et. al. *História de Israel e as pesquisas mais
recentes* – Petrópolis - Ed. Vozes – 2004.

HARRIS, R. Laird, Et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* – São
Paulo - Ed. Vida Nova - 1999.

HOMERO - *A Ilíada* – Tradução de Manuel Odorico Mendes – São Paulo – Martin Claret – 2003.

HOOKER, J. T. Et al. *Lendo o Passado* – São Paulo - Ed. Melhoramentos / Ed. USP - 1996.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica* – São Paulo - Ed. Paulus - 1988.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus* – Rio de Janeiro - Ed. IMAGO-1995.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus* – Rio de Janeiro - Ed. CPAD - 1999.

KAUFMANN, Yehezkel. *Religiões de Israel* - São Paulo - Ed. Perspectiva - 2000.

KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão*– São Paulo - Ed. Melhoramentos- 1959.

LÓPEZ, García José – *La religión griega* – Madrid – Ed. Istmo – 1975.

LOW, Polly – *Interstate Relations in Classical Greece* - New York: Cambridge University Press, 2007.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na Terra da Bíblia* – São Paulo – Ed. Paulinas – 2003.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Hebraico-Português* – São Paulo - Ed. Paulus - 1997.

SETERS, John van. *Em busca da História – Historiografia no Mundo Antigo e as origens da História Bíblica* – São Paulo – Ed. USP – 2008.

UNGER, Merrill. *Arqueologia do Velho Testamento* – EBR-1998.

Ut Habere Sapientia Pro Omnes